

**PET Indígena**

8 de julho de 2020 · 🌐



Olá parentes e todos que tiverem acesso a esse relato, sou Elson Vidal de Figueiredo, indígena da etnia Karipuna, Terra Indígena Juminã, Aldeia Kunanã, município de Oiapoque-AP, estudante do Curso de Direito na Universidade Federal do Amapá. É com muita preocupação que escrevo a vocês, pois é delicado o atual momento que nosso município está vivendo, com números crescentes de casos de coronavírus (covid-19), com mais 1500 casos confirmados, 10 óbitos e os doentes não param de procurar o hospital. Sabemos que o número de infectados é muito maior do que as estimativas governamentais mostram, pois não há testes suficientes para as pessoas que apresentam sintomas do novo vírus.

É lamentável lembrar que tudo isso começou há quase três meses, quando começamos a "combater um inimigo invisível", o novo coronavírus. Em nosso amado Brasil o vírus foi negligenciado pelo nosso governo que via, lamentavelmente, tudo isso como uma simples "gripezinha", não sendo encarado com a devida responsabilidade e seriedade.

Não demorou muito para que esse vírus chegasse até o município de Oiapoque e, conseqüentemente, até as aldeias da região. Lembro-me, claramente, quando o Covid-19 chegou na minha aldeia, Kunanã, pois quando liguei pela manhã para falar com minha mãe, entre o final de maio e início de junho, ela me informou que a minha irmã estava tendo febre há quase uma semana, além de outras pessoas da comunidade. Sim pessoal, há uma antena rural na casa da minha mãe, mas que nem sempre funciona devido a distância e ao mau tempo. Então, quando liguei novamente, no outro dia, a minha mãe estava com febre, dor de cabeça, dor de garganta, sintomas típicos do Covid-19. Não demorou para que todos os integrantes da minha família, incluindo crianças e idosos, começassem a apresentar os mesmos sintomas. Claro que fiquei preocupado e angustiado, principalmente quando liguei e minha mãe não pode atender pois estava chorando, não estava aguentando a dor de cabeça forte, febre e ânsia de vômito e, por esse motivo, não conseguia falar. Depois disso, quase todos da minha comunidade, ao mesmo tempo, apresentaram os mesmos sintomas.

Todos ficaram assustados e apreensivos, principalmente por estarem longe da cidade, já que a aldeia Kunanã fica a mais de duas horas do município de Oiapoque, sendo o transporte via fluvial, feito em voadeiras, que depende, muitas vezes, da maré, para que haja o deslocamento. Durante esse período em que várias pessoas adoeceram ao mesmo tempo, não havia no Posto de Saúde nenhum profissional da saúde, não tínhamos remédios e nenhuma informação sobre como esse vírus age no corpo e quais cuidados deveríamos ter.

A minha mãe, a minha irmã e a minha tia foram as primeiras pessoas que tiveram os exames confirmados para a Covid-19 na minha aldeia. Nunca tínhamos visto nada parecido com isso, e aquilo que parecia tão distante se tornou real. Sem os devidos cuidados, medicações e orientações, meu povo se virou como podia: faziam chá de plantas medicinais, bebiam caldo quente, repousavam e apegavam-se cada um às suas crenças, no intuito de ficarem curados desse enfermidade. No entanto, isso tudo não impediu que algumas pessoas tivessem o seu estado de saúde agravado pelo Covid-19, como por exemplo, meu tio, Manoel Ubiratã, senhor

de idade que, muito fraco, não conseguia levantar da rede e não tinha força nem para se alimentar e andar. Ele teve que ser removido, foi carregado dentro de uma rede até a lancha que o levaria ao município de Oiapoque, direto para o hospital.

O estado de saúde do meu tio foi se agravando ainda mais, a ponto de ser entubado, e conseguir respirar apenas com ajuda de um respirador. Como no hospital de Oiapoque não tem estrutura e ele necessitava de uma Unidade Intensiva de Saúde (UTI) tentamos sua remoção até Macapá, mas tivemos inúmeras solicitações de um avião negado pelos governantes, são 600km entre Oiapoque e Macapá, com estrada de chão, um doente grave que sai de ambulância, por terra, pode morrer na viagem. Como não desistimos, finalmente, conseguimos o seu traslado em um avião até a UTI de Macapá, no hospital recém inaugurado da UNIFAP.

O meu tio chegou quase a falecer nesse deslocamento do Hospital de Oiapoque para Macapá, mas como ele é um Karipuna muito forte, ele está reagindo aos medicamentos e, a cada dia, vem melhorando, pouco a pouco. Além do meu tio, a dona Maria, minha tia, também precisou ser removida para Macapá, para um atendimento especializado de Covid-19.

Minha experiência é que somos muito vulneráveis à infecção pela Covid-19, principalmente por sermos povos que vivem em coletividade, não sabemos viver isolados uns dos outros. Nossas casas não são separadas por muros e cercas, gostamos de andar livremente pela aldeia, de nos reunirmos no casarão, nos mutirões que são feitos tanto na limpeza da comunidade como nas plantações das nossas roças. É necessário um olhar mais cuidadoso para com os povos tradicionais, levando em consideração a sua cultura, seu modo de viver e tradição.

Quero externar minha insatisfação com as agências bancárias em relação aos atendimentos voltados para os indígenas nesse cenário de pandemia. Levando em consideração que grande parte das comunidades indígenas não possuem cobertura das linhas telefônicas, não possuem sinal de telefone, internet e a energia elétrica não é disponibilizada 24 horas nas aldeias, o que dificulta o atendimentos dos povos indígenas, pois os bancos estão fazendo o agendamento do atendimento por meio ligação telefônica ou via whatsapp. São longas as distâncias até a sede do município, sendo o transporte realizado por via terrestre e fluvial, levando de 2 a 24 horas, dependendo da aldeia. Diante disso, é lamentável a postura das agências, que não levam em consideração as especificidades e particularidades dos povos indígenas, que saem da sua aldeia com muita dificuldade na tentativa de terem seus problemas resolvidos nas agências, principalmente na Caixa Econômica, no que diz respeito ao saque do auxílio emergencial, cartão, manutenção de contas, entre outras questões.

Também gostaria de destacar que o Decreto Municipal feito para os atendimentos nas agências bancárias do Oiapoque não levou em conta a realidade das populações indígenas, e nem considerou a Constituição Federal de 1988, que reconhece aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições e seu modo de viver. Infelizmente, nós, povos indígenas, somos lembrados somente no período eleitoral, mas não podemos aceitar esses descasos. Agradeço a todos os parceiros que doaram para as comunidades indígenas cestas básicas, álcool em gel e combustível, e também a Igreja VIVA de Vila Valqueira/RJ que doou medicamentos para as aldeias Kunanã e Uahá para o enfrentamento ao combate do novo coronavírus.

Oiapoque/AP, 28 de junho de 2020

[#vidasindígenasimportam](#) [#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#)
[#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#)

Salut les proches et tous ceux qui ont accès à ce rapport, je suis Elson Vidal de Figueiredo, originaire de l'ethnie Karipuna, Terre Indigène Juminã, village de Kunanã, municipalité d'Oiapoque-AP, étudiant du cours de Droit à l'Université Fédérale d'Amapá. C'est avec une grande inquiétude que je vous écris, car le moment actuel que connaît notre municipalité est délicat, avec un nombre croissant de cas de coronavirus (covid-19), avec plus de 1500 cas confirmés, 10 décès et les patients continuent de chercher l'hôpital. Nous savons que le nombre de personnes infectées est beaucoup plus élevé que les estimations du gouvernement ne le montrent, car il n'y a pas suffisamment de tests pour les personnes qui présentent des symptômes du nouveau virus. Il est malheureux de se rappeler que tout cela a commencé il y a près de trois mois, lorsque nous avons commencé à « combattre un ennemi invisible », le nouveau coronavirus.

Dans notre bien-aimé Brésil, le virus a été négligé par notre gouvernement, qui a malheureusement vu tout cela comme une simple "petite grippe", n'étant pas vu avec la responsabilité et le sérieux. Il n'a pas fallu longtemps pour que ce virus atteigne la municipalité d'Oiapoque et, par conséquent, les villages de la région. Je me souviens clairement quand Covid-19 est arrivée dans mon village, Kunanã, parce que j'ai appelé le matin pour parler à ma mère, entre fin mai et début juin, elle m'a informé que ma sœur avait de la fièvre depuis près d'une semaine, en plus d'autres personnes dans la communauté.

Oui, il y a une antenne rurale dans la maison de ma mère, mais cela ne fonctionne pas toujours à cause de la distance et du mauvais temps. Alors, quand j'ai rappelé l'autre jour, ma mère avait de la fièvre, des maux de tête, un mal de gorge, des symptômes typiques de Covid-19. Il n'a pas fallu longtemps pour que tous les membres de ma famille, y compris les enfants et les personnes âgées, commencent à présenter les mêmes symptômes. Bien sûr, j'étais inquiet et angoissé, surtout quand j'ai appelé et que ma mère ne pouvait pas répondre parce qu'elle pleurait, elle ne pouvait pas supporter les maux de tête puissants, la fièvre et les nausées et, pour cette raison, je ne pouvais pas parler. Après cela, presque tout le monde dans ma communauté, en même temps, a eu les mêmes symptômes.

Tout le monde était effrayé et inquiet, principalement parce qu'ils étaient loin de la ville, car le village de Kunanã est à plus de deux heures de la municipalité d'Oiapoque, et le transport fluvial se fait en bateau, qui dépendent souvent de la marée, de sorte qu'il y a déplacement. Pendant cette période où plusieurs personnes sont tombées malades en même temps, il n'y avait pas de professionnel de santé au centre de santé, nous n'avions aucun médicament et aucune information sur le fonctionnement de ce virus dans l'organisme et sur les soins devrions nous avoir.

Ma mère, ma sœur et ma tante ont été les premières personnes à avoir confirmé les examens du Covid-19 dans mon village. Nous n'avions jamais rien vu de tel auparavant, et ce qui semblait si loin devenait réel. Sans soins, médicaments et conseils appropriés, mon peuple s'est retourné comme il pouvait: ils ont fait du thé avec les plantes médicinales, bu du bouillon chaud, se sont reposés et se sont accrochés à leurs croyances, afin de guérir de cette maladie. Cependant, tout cela n'a pas empêché certaines personnes de voir leur état de santé aggravé

par le Covid-19, comme mon oncle, Manoel Ubiratã, un homme âgé qui, très faible, ne pouvait pas se soulever du hamac et n'avais même pas la force pour se nourrir et marcher.

Il a dû être retiré, transporté dans un hamac à bord d'un bateau à moteur qui l'emmènerait à la municipalité d'Oiapoque, directement à l'hôpital. L'état de santé de mon oncle empirait encore, au point d'être intubé et de ne pouvoir respirer qu'à l'aide d'un respirateur. Comme à l'hôpital d'Oiapoque, il n'a pas de structure et il avait besoin d'une unité de soins intensifs (USI), nous avons essayé de le retirer à Macapá, mais nous avons eu de nombreuses demandes pour un avion refusées par le gouvernement, il est à 600 km entre Oiapoque et Macapá, avec un chemin de terre, un patient grave qui quitte l'ambulance par voie terrestre peut mourir pendant le voyage. Comme nous n'avons pas abandonné, nous avons finalement réussi à le transférer dans un avion jusqu'à l'USI de Macapá, à l'hôpital UNIFAP récemment ouvert. Mon oncle a failli mourir lors de ce voyage de l'hôpital Oiapoque à Macapá, mais comme c'est un Karipuna très fort, il réagit aux médicaments et, chaque jour, il s'améliore, petit à petit.

En plus de mon oncle, Dona Maria, ma tante, devait également être transférée à Macapá, pour des soins spécialisés du Covid-19. D'après mon expérience, nous sommes très vulnérables à l'infection du Covid-19, principalement parce que nous sommes des gens qui vivent collectivement, nous ne savons pas comment vivre isolés les uns des autres. Nos maisons ne sont pas séparées par des murs et des clôtures, nous aimons nous promener librement dans le village, de nous réunir dans la grande maison, dans les efforts conjoints qui se font à la fois dans le nettoyage de la communauté et dans les plantations de nos jardins. Il est nécessaire d'examiner plus attentivement les peuples traditionnels, en tenant compte de leur culture, de leur mode de vie et de leurs traditions.

Je tiens à exprimer mon mécontentement à l'égard des succursales bancaires en ce qui concerne l'assistance fournie aux populations indigènes dans ce scénario de pandémie. Étant donné qu'une grande partie des communautés indigènes ne disposent pas de ligne téléphonique, n'ont pas de signal téléphonique, Internet et l'électricité ne sont pas disponibles 24 heures sur 24 dans les villages, ce qui rend difficile de desservir les peuples indigènes, car les banques font planifier le service par appel téléphonique ou via WhatsApp. Les distances jusqu'au siège municipal sont longues et le transport s'effectue par voie terrestre et fluviale, en 2 à 24 heures selon les villages. Compte tenu de cela, il est regrettable que les agences, qui ne prennent pas en compte les spécificités et les particularités des peuples indigènes, quittent leur village avec grande difficulté pour tenter de résoudre leurs problèmes dans les agences, notamment dans la Caixa Econômica, en ce qui concerne le retrait de l'aide d'urgence, de la carte, de la tenue de compte, entre autres.

Je voudrais également souligner que le décret municipal pris en matière d'assistance dans les succursales bancaires d'Oiapoque ne tenait pas compte de la réalité des populations indigènes, ni de la Constitution Fédérale de 1988, qui reconnaît les Indiens pour leur organisation sociale, leurs coutumes, leurs langues, leurs croyances et traditions et leur mode de vie.

Malheureusement, nous, les peuples indigènes, ne nous souvenons que de la période électorale, mais nous ne pouvons accepter ces négligences.

Je remercie tous les partenaires qui ont fait don de paniers de base, de gel d'alcool et de carburant aux communautés indigènes, ainsi que l'église VIVA de Vila Valqueira / RJ, qui a fait

don de médicaments aux villages de Kunanã et Uahá pour lutter contre le nouveau coronavirus.

Oiapoque / AP, 28 Juin 2020

Traduit par Johnson Morancy

[#vidasindígenasimportam](#) [#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#)
[#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#)

Hello the relatives and all those who have access to this report, I am Elson Vidal de Figueiredo, originally from the Karipuna ethnic group, Juminã Indigenous Land, village of Kunanã, municipality of Oiapoque-AP, student of law to Federal University of Amapá. It is with great concern that I write to you, because the current moment that our municipality is experiencing is delicate, with an increasing number of cases of coronavirus (covid-19), with more than 1500 confirmed cases, 10 deaths and the patients continue to look for the hospital.

We know that the number of people infected is much higher than government estimates show, because there are not enough tests for people with symptoms of the new coronavirus. It is unfortunate to remember that it all started almost three months ago, when we started "fighting an invisible enemy", the new coronavirus. In our beloved Brazil, the virus has been neglected by our government, which unfortunately saw all this as a simple "little flu", not being seen with responsibility and seriousness. It did not take long for this virus to reach the municipality of Oiapoque and, consequently, the villages in the region.

I clearly remember when Covid-19 arrived in my village, Kunanã, because I called in the morning to speak to my mother, between late May and early June, she informed me that my sister had had a fever since almost a week, in more other people in the community. Yes, there is a rural antenna in my mother's house, but it does not always work because of the distance and bad weather. So when I called back the other day, my mom had a fever, a headache, a sore throat, symptoms typical of Covid-19.

It didn't take long for all of my family members, including children and the elderly, to start experiencing the same symptoms. Of course, I was worried and anxious, especially when I called and my mother couldn't answer because she was crying, she couldn't bear the headaches, fever and nausea and, for that reason, I couldn't speak. After that, almost everyone in my community, at the same time, had the same symptoms. Everyone was scared and worried, mainly because they were far from the city, because the village of Kunanã is more than two hours from the municipality of Oiapoque, and the river transport is done by boat, which often depend on the tide, so there is displacement.

During this period when several people fell ill at the same time, there was no health professional at the health center, we had no medicine and no information on the functioning of this virus in the body and on the care should we have. My mother, sister and aunt were the first people to confirm the Covid-19 exams in my village. We had never seen anything like this before, and what seemed so far became real. Without proper care, medicine and advice, my people turned around as best they could: they made tea with medicinal plants, drank hot broth, rested and clung to their beliefs in order to heal from this disease.

However, all this did not prevent some people from seeing their health worsened by Covid-19, like my uncle, Manoel Ubiratã, an elderly man who very weak, couldn't get up from the

hammock and didn't even have the strength to feed and walk. He had to be removed, transported in a hammock aboard a motor boat which would take him to the municipality of Oiapoque, directly to the hospital. My uncle's health was still worsening, to the point of being intubated and unable to breathe except with the help of a respirator.

As in Oiapoque hospital, he has no structure and he needed an intensive care unit (ICU), we tried to remove it in Macapá, but we had many requests for an airplane refused by the government, it is 600 km between Oiapoque and Macapá, with a dirt road, a serious patient who leaves the ambulance by land may die during the trip. As we did not give up, we finally managed to transfer him on a plane to the ICU in Macapá, at the recently opened UNIFAP hospital. My uncle almost died on this trip from Oiapoque hospital to Macapá, but since he is a very strong Karipuna, he reacts to medication and, every day, he improves, little by little. In addition to my uncle, my aunt Dona Maria was also to be transferred to Macapá for specialized care of the Covid-19. In my experience, we are very vulnerable to Covid-19 infection, mainly because we are people who live collectively, we do not know how to live isolated from each other. Our houses are not separated by walls and fences, we like to walk freely in the village, to meet in the big house, in the joint efforts that are done both in cleaning the community and in the plantations of our gardens.

Traditional peoples need to be looked at more carefully, taking into account their culture, way of life and traditions I would like to express my dissatisfaction with the bank branches regarding the assistance provided to the indigenous populations in this pandemic scenario. Since a large part of the indigenous communities do not have a telephone line, have no telephone signal, Internet and electricity are not available 24 hours a day in the villages, which makes it difficult to serve the indigenous people, because the banks plan the service by phone call or via WhatsApp.

The distances to the municipal headquarters are long and transport takes place by land and river, in 2 to 24 hours depending on the village. Given this, it is regrettable that the agencies, which do not take into account the specificities and peculiarities of the indigenous peoples, leave their village with great difficulty in an attempt to resolve their problems in the agencies, especially in the Caixa Econômica, in regarding withdrawal of emergency aid, card, account keeping, among others.

I would also like to underline that the municipal decree taken in matters of assistance in Oiapoque bank branches did not take into account the reality of the indigenous populations, nor the Federal Constitution of 1988, which recognizes the Indians for their social organization, their customs, their languages, their beliefs and traditions and their way of life. Unfortunately, we, the indigenous peoples, only remember the election period, but we cannot accept these negligence.

Thank all the partners who donated basic baskets, alcohol gel and fuel to the indigenous communities, as well as the VIVA church in Vila Valqueira / RJ, which donated medicines to the villages of Kunanã and Uahá to fight the new coronavirus.

Oiapoque / AP, June 28, 2020

Translated by Johnson Morancy

[#vidasindígenasimportam](#) [#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#)
[#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#)

Hola parientes y los que tienen acceso a este relato, soy Elson Vidal de Figueiredo, indígena de la etnia Karipuna, Tierra Indígena Juminã, aldea Kunanã, municipio de Oiapoque-AP, estudiante del Curso de Graduación de Derecho en la Universidad Federal de Amapá. Con gran preocupación les escribo, porque es delicado el momento actual que vive nuestro municipio, con un número cada vez mayor de casos de coronavirus (Covid-19), con más de 1500 casos confirmados, 10 muertes y, pacientes que no dejan de ir al hospital. Sabemos que el número de infectados es mucho mayor de lo que muestran las estimaciones del gobierno, ya que no hay suficientes pruebas para las personas que tienen síntomas del nuevo virus.

Es desafortunado recordar que todo esto comenzó hace casi tres meses, cuando comenzamos a "luchar contra un enemigo invisible", el nuevo coronavirus. En nuestro amado Brasil el virus fue abandonado por nuestro gobierno, que desafortunadamente se percibió como una "simple gripe"; sin enfrentarse con una responsabilidad apropiada y con total seriedad.

Este virus no demoró mucho tiempo para llegar al municipio de Oiapoque y, por consiguiente, a las aldeas de la región. Recuerdo, claramente, cuando Covid-19 llegó a mi aldea, Kunanã, porque cuando llamé por la mañana para hablar con mi madre, entre finales de mayo y principios de junio, me informó que mi hermana había estado teniendo fiebre durante casi una semana, además de otras personas en la comunidad. Si amigos, hay una antena rural en la casa de mi madre, pero eso no siempre funciona debido a la distancia y el mal tiempo. Así que cuando llamé de nuevo otro día, mi mamá tenía fiebre, dolor de cabeza, dolor de garganta, síntomas típicos de Covid-19. No hizo mucho tiempo para que todos los miembros de mi familia, incluidos los niños y los ancianos, empezaron a presentar los mismos síntomas.

Por supuesto que estaba preocupado y angustiado, especialmente cuando llamé y mi madre no podía responder porque estaba llorando, no estaba soportando el dolor de cabeza severo, fiebre y ansia de vómitos y, por esa razón, no podía hablar. Después de eso, casi todos en mi comunidad al mismo tiempo tenían los mismos síntomas.

Todos estaban asustados y preocupados, principalmente porque estaban lejos de la ciudad, ya que el pueblo de Kunanã está a más de dos horas del municipio de Oiapoque, siendo el transporte por río, realizados en pequeños botes, que a menudo depende muchas veces de la marea, por lo que facilita el desplazamiento. Durante este período, en que varias personas se enfermaron al mismo tiempo, no había en el puesto de Salud el profesional de salud, no teníamos medicamentos, ni información sobre cómo actúa este virus en el cuerpo y qué atención debemos tener.

Mi madre, mi hermana y mi tía fueron las primeras personas en tener las pruebas confirmadas para Covid-19 en mi pueblo. Nunca habíamos visto algo así, y lo que parecía tan lejano se hizo real. Sin el cuidado adecuado, los medicamentos y la orientación, mi gente resolvió como pudo: hacían té de plantas medicinales, bebían caldo caliente, descansaban y se aferraban a sus creencias para curarse de esta enfermedad. Sin embargo, todo esto no impidió que algunas personas agraviaran en su condición de salud por el Covid-19, como, mi tío, Manoel Ubiratã, señor de elevada edad que, muy débil, no podía levantarse de la red y no tenía fuerza ni siquiera para alimentarse y caminar. Tuvo que ser retirado, fue cargado dentro de una red a la

lancha que lo llevaría al municipio de Oiapoque, directo al hospital.

La salud de mi tío estaba empeorando aún más, hasta el punto de ser intubado, y poder respirar sólo con la ayuda de un respirador. Como en el hospital de Oiapoque no tiene estructura y necesitaba una Unidad de Salud Intensiva (UCI) intentamos su traslado a Macapá, pero tuvimos numerosas peticiones denegadas de un avión por los gobernantes, son 600km entre Oiapoque y Macapá, con carretera terrestre, un paciente serio que sale en ambulancia, por tierra, puede morir en el viaje. Como no desistimos, finalmente, conseguimos su traslado en un avión a la UCI de Macapá, en el recién inaugurado hospital de la UNIFAP (Universidad Federal de Amapá).

Mi tío llegó casi a morir en este desplazamiento del Hospital de Oiapoque a Macapá, pero como es un Karipuna muy fuerte, está reaccionando a los medicamentos y, cada día, está mejorando, poco a poco. Además de mi tío, doña María, mi tía, también necesitaba ser trasladado a Macapá, para un cuidado especializado de Covid-19.

Mi experiencia es que somos muy vulnerables a la infección de Córdid-19, principalmente porque somos pueblos que vivimos en la colectividad, no sabemos vivir aislados unos de otros. Nuestras casas no están separadas por muros y cercas, nos gusta caminar libremente por el pueblo, para reunirnos en la mansión, en las jornadas que se hacen tanto en la limpieza de la comunidad como en las plantaciones de nuestros jardines. Se necesita una mirada más cuidadosa a los pueblos tradicionales, teniendo en cuenta su cultura, su forma de vida y tradición.

Quiero expresar mi insatisfacción con las sucursales bancarias con respecto a la atención indígena en este escenario de pandemia. Teniendo en cuenta que la mayoría de las comunidades indígenas no tienen cobertura de líneas telefónicas, no tienen señal telefónica, Internet y electricidad no está disponible las 24 horas en las aldeas, lo que dificulta la asistencia a los pueblos indígenas, los bancos están programando el servicio por teléfono o por WhatsApp. Hay largas distancias a la sede del municipio, siendo el transporte realizado por tierra y río, tomando de 2 a 24 horas, dependiendo del pueblo. En vista de ello, es lamentable la actitud de las agencias, que no tienen en cuenta las especificidades y particularidades de los pueblos indígenas, que abandonan su aldea con gran dificultad para tratar de resolver sus problemas en las agencias, especialmente en Caixa Económica (Banco Federal), en lo que respecta a la retirada de ayudas de emergencia, tarjeta, mantenimiento de cuentas, entre otras cuestiones.

También quiero destacar que el Decreto Municipal hecho para el atendimento en las agencias bancarias de Oiapoque no tuvo en cuenta la realidad de las poblaciones indígenas, ni consideró la Constitución Federal de 1988, que reconoce a los indígenas, su organización social, costumbres, lenguas, creencias y tradiciones, y su forma de vida. Desafortunadamente, nosotros, los pueblos indígenas, sólo somos recordados en el período electoral, pero no podemos aceptar estas miserias. Agradezco a todos las personas que donaron a las comunidades indígenas canastas básicas, alcohol en gel y combustible, del mismo modo a la Igreja VIVA de Vila Valqueira/RJ que dio medicamentos a las aldeas Kunanã y Uahá para combatir el nuevo coronavirus.


Oiapoque/AP, 28 de junio de 2020

Traducido por Carlos Armando Reyes Flores

#vidasindigenasimportam #OPETNãoPara #PetIndígena #CampusBinacional #Oiapoque
#CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente



PET Indígena
Site educacional

 **Enviar mensagem**

  75

3 comentários 75 compartilhamentos